

O livro da minha vida

Os Lusíadas do século XX

João B. Serra

Escolhi um livro para corresponder ao repto da Isabel Castanheira, após muita hesitação. Para ser sincero, não consigo encontrar um livro que se possa impor a todos os outros, que tenha tido um lugar cativo nas minhas preferências ao longo da vida. Como esta já vai quase em seis décadas e os livros sempre fizeram parte dela, ou como pura fonte de prazer ou como instrumento de trabalho profissional, compreende-se que a escolha seja quase impossível. Recordo muitos livros que ganharam um estatuto especial, pelos mais diversos motivos. As séries de romances dos “Cinco” ou de “Emílio Salgari”, por exemplo, dominaram as minhas leituras de adolescente. Mas na juventude descobri a grande literatura e deixei-me seduzir pelos romances de Eça, Tolstoi, Scott Fitzgerald, William Faulkner e Somerset Maugham. Hoje, porém, tirando o primeiro nome desta série, não releio os livros destes autores. Já o mesmo não se passa com os poetas, a cujos livros – ou mesmo só a um poema – regresso em certos momentos, correspondendo a um apelo inexplicável. Neste caso, estão poetas que me acompanham desde sempre, como Pessoa, Eugénio de Andrade e Herberto Helder, outros que entraram mais recentemente, como Fernando Pinto do Amaral, outros ainda que alternam com longas ausências como José Gomes Ferreira, Alexandre O’Neill ou Pablo Neruda.

Olhando para as estantes onde acumulei os resultados de aquisições, quase obsessivas, poderia apontar livros a que atribuo um valor singular, sentimental ou científico: na área da

cerâmica como na da história contemporânea, na área dos estudos locais como no dos estudos urbanos, na área da fotografia como no dos livros de memórias.

Escolhi um de uma área mais difícil de identificar, o *Guia de Portugal*, dirigido por Raul Proença e que se começou a publicar em 1924. Nessa época o turismo (o termo tinha sido aportuguesado recentemente, nos finais do século XIX ainda se usava o vocábulo francês, *tourisme*) dava os seus primeiros passos como actividade organizada. Alguns concelhos, como o das Caldas, que atraíam movimentos sazonais de visitantes, em razão dos seus monumentos, das suas paisagens, das suas termas, dispunham de guias. Editados nos primeiros anos do século, esses guias continham indicações sobre os locais a visitar, informações sobre como chegar, distâncias, alojamento, restauração, etc. Conheço brochuras destas relativas a Alcobaça, Coimbra, Sintra, Braga, Lisboa, Porto, Évora, Leiria, Viseu, por exemplo. Não conheço, porém, nenhum guia, anterior a 1924, que reúna este tipo de informação sistematicamente e para todo o país. O *Guia de Portugal* foi pioneiro, neste aspecto.

Sucedeu, no entanto, que o projecto de Raul Proença era mais ambicioso. Ele reuniu à sua volta os melhores escritores da sua época, os melhores especialistas em história de arte, em geografia física e humana, em arqueologia, em antropologia. O primeiro volume do *Guia* (Lisboa e Arredores) tem 700 páginas e contou com 25 colaboradores. Entre eles estão escritores como Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoais, Afonso Lopes Vieira, Raúl Brandão, Júlio Dantas, ensaístas como António Sérgio, Jaime Cortesão, Câmara Reis, Azevedo Gomes, historiadores de arte como Matos Sequeira, José de Figueiredo, Reinaldo dos Santos, investigadores de geografia e antropologia, como Silva Teles, Oliveira Ramos e Alves Pereira. O responsável gráfico da obra é Raul Lino, um dos arquitectos mais celebrados na época.

O *Guia de Portugal* foi concebido como um repositório exigente e actualizado do conhecimento sobre a paisagem geográfica e cultural portuguesa. Mais do que um roteiro de estradas e localidades, pretendeu ser uma obra sobre o Portugal que os portugueses tinham produzido. Num certo sentido, o paradigma de Proença foi *Os Lusíadas* de Luis de Camões. Proença queria os melhores do seu tempo a descrever e interpretar Portugal. Mas o *Guia* não é uma justaposição de textos, porque o coordenador os reelaborou de forma a garantir a unidade de critério e a coesão formal do projecto.

A quantidade de informação recolhida nos 8 volumes de que se compõe o *Guia* é impressionante. Proença e os seus colaboradores percorreram o país, elaborando milhares e milhares de fichas sobre localidades, monumentos e itinerários. É uma obra única no seu género e que permanece ainda hoje como obra ímpar da nossa cultura.

Admiravelmente bem escrita, mesmo quando o seu conteúdo é mais árido, pode dizer-se hoje que o *Guia* é um livro de viagens. E que fascinante é hoje visitar locais descritos por visitantes ilustres, munidos dos livros onde eles testemunham o modo como os perceberam! Quando as minhas raparigas eram adolescentes costumávamos fazer viagens confrontados com o *Guia de Portugal*. Eu elaborava uns verbetes sobre os pontos do roteiro com a descrição extraída do *Guia*, mas sem o nome respectivo, e elas tinham que adivinhar o que é que correspondia a quê. Ainda hoje recordamos essas espécies de “rally paper” com a história de permeio. Proença dedicou este seu extraordinário trabalho a viajantes especiais que ele quis se sentissem especiais. Foi o que nos aconteceu e é o que acontece a todos os que continuam a viajar com o *Guia de Portugal*.

Essa dedicatória reza o seguinte: “A todos os que não desejam fazer perpetuamente justa a frase de Montesquieu, ao dizer dos portugueses que tinham descoberto o mundo, mas desconhecem a terra em que nasceram; este livro, inventário das riquezas artísticas que ainda se não sumiram na voragem, e das maravilhas naturais que ainda não conseguimos

destruir, antologia de paisagistas, “vade-mecum” de beleza, roteiro dos passos dos portugueses enamorados, índice das pequenas e grandes coisas, que requerem o nosso amor – pelo passado, pelo presente e pelo futuro –, é oferecido e dedicado”